

YOM HASHOÁ

O que significa ser humano?

Ter a capacidade de preocupar-se com os outros seres humanos. A intensidade do quão humanos somos está em direta proporção do quanto nos preocupamos com os outros.”

Abraham J. Heschel

Entre os marcos mais significativos da história da Humanidade, ninguém pode deixar de mencionar o Iom Hashoá, o dia em que nos recordarmos dos seis milhões de judeus assassinados nas garras dos nazistas e, por extensão, de toda uma etapa de violência, ódio, perseguição, guerra e morte em proporções descomunais.

Entretanto, longe de permanecer um ato simbólico, para o Povo Judeu este dia encerra um conjunto de significados e, inclusive, de práticas, que vão muito além de uma breve menção histórica. E, portanto, isso implica em nos referirmos a um elemento fundamental de nosso calendário.

Nas palavras de Elie Wiesel, lemos que “O contrário do amor não é o ódio, é a indiferença. O contrário da beleza não é a feiúra, é a indiferença. O contrário da fé não é a heresia, é a indiferença. E o contrário da vida não é a morte, e sim a indiferença entre a vida e a morte”.

Sem dúvida, o escritor nos deixa com seu texto um grande legado: para todos aqueles que vieram depois da Shoá, existe uma obrigação maior do que aquela que poderia ter qualquer ser humano no passado: é a de recordar e nunca esquecer este capítulo medonho de nossas vidas.

E, para recordar e não esquecer, não é suficiente pensarmos ou sentirmos. É necessário educar, não deixar de contar, transmitir, lutar e viver de acordo com isso. E também opor-se ou protestar caso nos deparemos com qualquer circunstância em que as pessoas sejam efetivamente discriminadas, oprimidas, perseguidas.

Quando, cada ano, terminamos o tradicional Seder de Pesach, um dos momentos mais emblemáticos de nossa tradição, penetramos na Hagadá e entoamos um célebre parágrafo referente a uma festividade, conhecido como Vehi Sheamda, uma referência a “ela, a que se sustenta ao longo do tempo”.

Quem é ela? Nossos sábios nos ensinam que ela é a promessa de D-s, que nos revelou, e que nos expressa em todas as épocas que, apesar de em cada geração surgir um opressor que nos persegue e quer nos exterminar, ele nunca poderá

conseguir finalmente seu objetivo.

Para nós fica uma tarefa: somos aqueles que devem lutar para que nunca mais volte a acontecer uma Shoá. Desta maneira, o Iom Hashoá não constitui um dia em que simplesmente convencionou-se celebrar um acontecimento de nossa história, e sim uma parte indivisível, inescapável e imprescindível de nossa identidade como judeus, e de nossos valores como seres humanos.

Quando estourou a II Guerra Mundial, meu falecido bisavô optou por esconder-se, com sua família, em uma zona rural do interior da Polônia, de onde era oriundo. A cada manhã se levantava cedo e se embrenhava pelos espessos campos de pastagem, onde permanecia vários minutos em pé, se movendo sem parar. Somente alguns dos habitantes locais reparavam nele, e acabaram acreditando que ele era louco.

Essa “loucura” não era outra coisa que a prática de colocar os tefilin e realizar sua tefilá todos os dias, mesmo colocando em risco sua vida. Mas também era muito mais do que isso: era a responsabilidade de sustentar sua identidade, e a de seu povo, até nas circunstâncias mais difíceis; de lutar para não esquecer seus valores.

Não se pode negar que há um ponto no qual, independentemente da origem geográfica de sua ascendência, todo judeu é marcado a fogo pelo que aconteceu na Shoá. E isto é assim desde o exato momento em que ele vem a este mundo, entra em contato com suas raízes e toma consciência de quem é.

Iom Hashoá, dia de recordação e chamado à ação, não é somente um olhar no passado; Iom Hashoá é uma mensagem para o futuro. E deve ser um ensinamento que mantenha sua força e sua vigência em todas as épocas, para podermos fazer frente aos opressores de cada geração, e vivermos vidas de verdadeira liberdade.

Rabbi Maximiliano Shalom
Buenos Aires, Argentina



MERCAZ



With support of the WZO.